3.º Anno — DOMINGO 10 DE ABRIL DE 1910 — N.º 16

CORREIO DE VOUGA

Semanario
independente, noticioso e litterario
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc.
Rua de Sá Noronha, 51
PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:
ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
NA
RUA DE S. MIGUEL N.º 36
PORTO

Não se devolvem originaes nem se acceita collaboração que não seja sollicitada.

ATRAVEZ D'UM ARTIGO DO "PORTUGAL,,

A' falta d'outro assumpto, este — fórmas de governo na sua relação com a felicidade humana.

Apre! dirá o leitor. Mas, engana-se; não passará de ligeira analyse a prosa extranha o que vae lêr-se. Nem poderia, neste momento, ser outra coisa. E por varios motivos, entre os quaes o estado de irritante lassidão em que temos o corpo e o espirito — influencia talvez do cometa.

Em má hora, pois, nos caiu sob os olhos, esta affirmação do *Portugal:* os republicanos portuguezes procuram substituir as actuaes instituições por outras *incontestavelmente peores.*

Considera-se, d'este modo, a republica como fórma de governo inferior á monarchia. E' uma opinião — que pecca por não ser fundamentada. Accrescenta-se, é verdade, que a boa administração d'um paiz, o seu desenvolvimento e bem-estar dependem dos homens que o governam e não das instituições que o regem. Logicamente, portanto, deveriam julgar-se todas as instituições eguaes, quanto aos seus effeitos, e por isso indifferente a adopção d'umas ou d'outras. Mas, não. Illogicamente e parcialmente, diz-se: a forma republicana é *incontestavelmente peor* do que a monarchica.

Porquê?

Seria preciso, sem duvida, habilidade, para apresentar uma razão, ao menos; por isso, talvez, o jornalista achou prudente não pensar no caso. Preferiu insistir na contradicção, dizendo: «systemas, principios, ideaes, todos são uteis e todos são bons, quando os homens são serios e os governos são dignos». Mas, se assim é, resulta absurda a affirmação de que a fórma republicana é *incontestavelmente* inferior á monarchica.

Mais: notando o inconspicuo jornalista que a maior parte dos medicos portuguezes são republicanos, e procurando acertar com a razão do facto, sáe-se com esta — «a mocidade de todos os tempos foi sempre inclinada a ideaes generosos. A liberdade tentou-a sempre, na phantasia dos seus sonhos, e ignorando, em seus devaneios de philosophia politica, a distancia que vae da belleza das theorias ao terreno chão da pratica, curva deante d'ellas, respeitosamente, a energia da sua intelligencia, e abre de par em par as portas da sua alma, ás suas fagueiras illusões.»

Poderá ir da *belleza da theoria* ao *terreno chão da pratica* uma grande distancia. Não o negamos. Mas deverá, por isso, condemnar-se a theoria? E, mesmo quando se condemne, deve allegar-se, como justificação, que o que se pretende realisar é *incomparavelmente peor* do que o que está realisado?

No artigo, que analysamos, por entre a serie de absurdos que o constituem, não se consegue esconder a seguinte verdade, que com tanto empenho se pretende occultar, antes faz-se a sua affirmação da maneira mais nitida e completa — a fórma republicana é superior á monarchica. Applicada ao nosso paiz? Não tratamos, agora, do problema politico nacional. Discutimos em these. Fallamos, como o inconspicuo jornalista, do *ideal generoso* e da *belleza da theoria.* A sua realisação, que deve tender á felicidade do individuo, d'um povo, da humanidade, essa depende de muitas circumstancias, entre as quaes a educação, intellectual, moral e civica de governantes e governados.

Apresentemos apenas este traço entre os que distinguem a republica da monarchia — o seu caracter democratico. O Rei representa ainda o privilegio, o direito fundado no nascimento, na vontade divina. A republica, quando seja o governo de todos, e não apenas d'alguns, constitue um passo para a realisação d'um dos principios fundamentaes da felicidade humana — a egualdade.

Mas qual a fórma de governo que conseguirá realisar esse ideal que tortura o espirito humano — a felicidade?

O *Portugal*, fallando do nosso paiz, quer que se «renovem as virtudes antigas como as unicas capazes de rejuvenescer o organismo da nação e de o robustecer para o cumprimento da sua gloriosa missão historica».

Nós, com os olhos fitos na humanidade, e porque o nosso espirito não se subordina a formulas e preconceitos, queremos que uma educação moral profunda faça caminhar o homem para um estado de perfeição, em que não seja preciso discutir se é melhor a fórma monarchica ou a republicana...

GAZETILHA

Nunca a mim me esquecerá,
Por mais annos que eu vá
P'la vida arrastando fóra,
Aquella festa que nós,
Hoje velhos, — pais, avós —
Fomos á Raiva fazer
Com todo o grato prazer
D'esses bons tempos de outr'óra.

Eu jamais na vida inteira
Tórno a apanhar petisqueira
Que me soubesse tão bem
Como uma sôpa de ovelha
Que em negra caçoila velha
Veio acudir, previdente,
A'quella cousa inclemente
Que de *fome* o nome tem.

Que bonita passeiata
P'ra além da Ponte da Rata!
O Simões, sempre jucundo,
Junto ao bombo, como ri!
A pensar vai lá p'ra si
Que é bem melhor ser regente
De tal banda, com tal gente,
Do que rei de todo o mundo!

E essa entrada triumphal,
Em *dobrado* marcial,
Que fizemos, Raiva acima?
A expressão que á partitura
Com furor e com bravura
Se imprimiu de modo novo,
Do clero, nobreza e povo
Conquistou-nos logo a estima!

O tio Bernardo Fura
Dava a nota tão segura
No seu bello contrabaixo
Que abalava ceu e terra
E creio bem que não erra
Quem disser que o proprio mar
Foi de medo a recuar
Veloz que tinha diacho!

Quando a Raiva d'esta vez
Com banda de tal jaez
Não tremeu nos fundamentos,
Nunca mais ha-de tremer
Mesmo que o tentem fazer
Com esforço sobrehumano
— P'ra causar-lhe grave damno —
Unidos os elementos!

Por vinte leguas em redor
Não havia banda melhor!
E aquelle lindo entremez
Tão natural, tão bem posto,
Que unicamente por gosto
A gente admirou por lá?!
D'aquillo não vi por cá
Nem sequer uma só vez!

Em grupos aboletados
Fomos nós como soldados.
O Manel Nunes sagaz,
Casimiros, eu, Alberto,
Lá ficámos a coberto
Em casa do lavrador
Onde a sôpa era um primôr,
Como já foi dito atraz.

Trouxe-nos gôrda moçoila
Uma alentada caçoila,
D'ess'outra bem similar,
P'ra de util vaso servir.
Cada qual péga a dormir,
E mal era manhã nada
Bate á porta a creada
Pedindo vénia para entrar.

E' concedida a licença,
E logo ella sem detença
Saíu-nos de lá com esta:
— «Se já não teem precisão
Da caçoilinha, eu então
Vou leva-la p'ra fazer
O arroz, que hão-de comer
Ao almoço, antes da festa!» —

O Nunes, mal isto ouviu
Logo os olhos bem abriu,
Pois sómente tinha aberto
Meio ôlho. Poz-se a pé,
E largou tal pontapé
A' caçoila, que em bocados
Foi cahir pelos telhados
Que se encontravam mais perto.

EL-VIDALONGA.

CARTAS D'ALGURES

Meu amigo:

Annunciou v. festa rija em louvor do martyr S. Sebastião — o seu bom visinho. No sabbado, um numero apenas, mas de estrondo — o *Zé P'reira;* no domingo, um dia cheio — missa solemne, sermão ao Evangelho, procissão pomposa, arraial com os tradicionaes descantes, fogo preso e do ar; na segunda-feira, finalmente. — a charanga de Frossos, em substituição da do Magro.

Um programma, afinal, antigo. Copiado, palavra a palavra, do que invariavelmente se publica por occasião de todas as festas das nossas aldeias. Mas, que quer, v. insistia em que os mordomos caprichavam em fazer coisa de fama — e eu senti me commovido, com as lagrimas quasi a rebentarem-me, só de me parecer ouvir, ao longe, vagamente, o pifaro incomparavel do Zé do Monte, musico e orador, gloria authentica da nossa terra, com costella do tio Padre Zé Côdea e de José Estevão.

E vae d'aqui esta ideia se me agarrou ao espirito: ir á festa.

Tomada definitivamente a resolução, não mais comi nem dormi até ao dia da partida. Toda a minha actividade se reduziu a sonhar com a festança. Umas vezes, era o *Zé P'reira* que me annunciava a alvorada, ás 4 horas da manhã; outras, um corêto que me surgia, quasi á entrada de S. João, sob um pinheiro manso. Agora, passavam os respeitaveis pegantes do palio, mirando-se na sombra, a vêr o effeito das suas rabonas de ha 50 annos; logo, o dirigente da procissão, abaixo e acima, a suar, gritava que queria tudo em ordem, rogava a sua praga, pelo amor de Deus, e dava o seu safanão em algum garoto que teimava em sair da forma...

E tudo isto, meu amigo, eu havia visto na realidade, muitas vezes. Tal e qual eu via, agora, em sonho. Mas o coração pedia-me que fosse ver outra vez. E eu não parava. Andava em braza. Parecia-me ouvir o sino, festivamente, e saltava-me a perna. Tinha a illusão de que, encontrando-me lá, deitaria a mão á corda com aquella mesma alegria com que o fizera ha um bom par d'annos, nos tempos distantes da infancia.

Sentia que ia reviver. Voltaria a ser feliz.

Como havia de correr áquelles logares onde brinquei e onde tenho, sepultadas, as mais lindas recordações da minha vida!

Por toda a parte encontraria amigos: um lindo pecegueiro, coberto de flores; o beiral d'um telhado atulhadinho de andorinhas; um regato d'agua muito branca, sob tufos d'herva muito verde, onde adejam borboletas e coaxam rãs...

Talvez me chamassem ainda «menino» as bôas velhinhas que me viram nascer — e eu ainda havia de faze-las arreliar, chamando-lhes «bruxas» e puxando-lhes pelas saias.

... Chegou, finalmente, o sabbado, e parti, alvoroçado.

Do que os meus olhos viram e a minha alma sentiu, apenas esta nota quero transmittir ao papel, deixando tudo mais ao coração:

— Para outra vez sêja mais prudente nos annuncios das festas da nossa terra.

Seu do coração

A. B. C.

EGUALDADE!

Tudo o Tempo destróe: marmor', granito;
O ferro e o aço; a dôr e a alegria!
Os homens envelhecem dia a dia...
E rúe o monumento mais bonito!

'Stão velhas as pyramides do Egypto,
E o collossal pharol d'Alexandria!
A crença d'essa vã mythologia
Perdeu-se, ha muito tempo no Infinito.

Cahiu Troya; Carthago foi razado!
Morreram os Camões, Garrets, Castilhos!
Tudo, ao Tempo, o seu preito tem prestado!

Que importa que, depois, saibam meus filhos
Que estas calças, que eu fiz no v'rão passado
Já precisem, agora, d'uns fundilhos!

IV—1910.

PRISCO.

SCIENCIA & LITTERATURA

ALCOOL E ALCOOLISMO

O alcool, quando bebido em doses moderadas, constitue um alimento valioso sobretudo para os que tem de executar trabalhos exigindo grande esforço muscular. Excedidas, porém, essas doses, torna-se em veneno perigosissimo quer para o individuo quer para a sociedade.

Antes de mais nada, porém, devemos dizer que ha varias especies d'alcool e que cada uma d'ellas tem a sua toxidade, de modo que umas são mais nocivas do que outras; a mais innocente e a que principalmente se usa entre nós, em virtude da sua abundancia e barateza, é constituida pelo *alcool ethylico* ou *vinico* e que se bebe sob a forma de vinho, aguardente de vinho, e cognac.

O alcool de cereaes é muito mais nocivo; e das bebidas que o contem (aguardente de figo, de cereaes, etc.) só a cerveja boa se póde aconselhar, porque, na realidade, esta bebida é pouco alcoolisada e possue qualidades nutritivas muito aproveitaveis.

Todas as outras especies de alcool ingeridas sob a fórma de absyntho, wisky, kirsch, etc. são absolutamente condemnaveis por violentamente toxicas.

No nosso paiz ha, pois, duas bebidas alcoolicas recommendaveis, em doses moderadas: o vinho e a cerveja.

Mas o que deve entender-se por doses moderadas? Seis a oito decilitros de vinho por dia, ou o dobro de cerveja, para aquelles que se dedicarem a trabalhos exigindo esforço muscular de importancia.

Além d'estas quantidades, o individuo, no fim de certo tempo, está sob a influencia d'um envenenamento chronico devido ao alcool, e que se designa por *alcoolismo chronico*.

Muita gente imagina que *alcoolico* é só aquelle que bebe grandes doses de alcool, embebedando-se com frequencia. Constitue isso um erro que importa desfazer.

Para ser alcoolico não é preciso embebedar-se frequentemente, podendo mesmo nunca embebedar-se; basta que beba mais do que dóses moderadas. E então vem os maiores maleficios para o individuo e para a sociedade.

O alcoolico envelhece precocemente em resultado d'uma grande perturbação de todos os seus elementos vitaes. O estomago, o intestino, o figado, o coração, as arterias, o cerebro, emfim, todos os tecidos organicos sob a influencia da intoxicação alcoolica que se accentúa mais ou menos lenta, mas sempre progressivamente, alteram-se.

E se physicamente o alcoolico se torna um velho antes do tempo, morrendo cedo pela fraca resistencia que oppõe ás doenças, moral e intellectualmente transforma-se num louco ou num criminoso arrastando os seus á miseria e á vergonha.

Mas o alcoolico não se prejudica só a si; prejudica tambem grandemente a sociedade e não só por ser um mau cidadão mas ainda por lançar nella filhos que geralmente são criminosos e loucos.

Para dar uma ideia precisa e clara d'este facto de importancia capital, vou apresentar estatisticas que têm todo o valor scientifico pois que differentes sabios e em differentes logares chegaram ás mesmas cifras.

Comparando entre si os filhos de dois grupos de dez familias em circumstancias economicas identicas, vê-se o seguinte: — Um dos grupos, no qual não havia vestigios de habitos alcoolicos, tinha 50 filhos vivos e normaes, 7 morreram, 2 ficaram mentalmente inferiores e 2 apresentavam deformações congenitas. Das dez familias de bebedores houve apenas 9 normaes, 24 morreram; os restantes, 22 creanças, eram idiotas, mal conformados e epilepticos.

Este quadro é bem eloquente mostrando á evidencia que os filhos dos alcoolicos nada mais são do que candidatos aos hospitaes de alienados e ás penitenciarias.

As relações, sob o ponto de vista criminal, entre o alcoolismo e o crime, resaltam com não menos eloquencia do quadro que segue:— Numa dada região e no periodo que vae de 1872 a 1895— entre 202 condemnados á morte havia 121 ou 59,9 °/₀ de bebedores de profissão; entre 216 condemnados a trabalhos forçados perpetuos havia 118 ou 54,6 °/₀ bebedores de profissão; entre 2.588 condemnados a outras penas mais leves, havia 1157 ou 44 7 °/₀ bebedores profissionaes.

Muitos outros quadros se poderiam apresentar para provar quanto o alcoolismo é prejudicial ao individuo e á sociedade, justificando-se assim a tremenda lucta que em toda a parte se trava contra o abuso de tão abominavel veneno.

Mas não é meu intuito, nem póde sê-lo neste logar, desenvolver a questão.

E, para terminar, só quero dizer que as classes laboriosas são as mais interessadas em combater tão grande mal, porque o alcoolismo é um dos seus maiores inimigos, como o reconhecem e pregam os dirigentes dos partidos operarios em varias nações cultas.

Eusebio Leão
Medico dos hospitaes.

SECÇÃO LITTERARIA

AMORES

Judith, a loira e magra, que ora vive
Entre palmas e myrra, nas novenas,
Dulce, a de peitos de hydromel e pennas,
Com quem libidinosas noites tive;
Maria, a ingenua, a placida e macia,
Ingenua como um pintasilgo e pura
Como um mez de Maria;
Lydia, a trigueira hostil, severa e dura
E Fabia, a de olhos perturbantes, lassos,
E de morenas, aprilinas pomas,
Fabia cujos abraços
Me vestiam de aromas
Todas adorei.
Todas me adoraram;
E todas choraram
Quando as desprezei.

Antes de as possuir, antes de as subjugar
Co'a força do meu verbo e a luz do meu olhar
Em cada uma eu via o ceu aberto;
Mas, apenas ao peito as comprimia,
O meu enthusiasmo arrefecia
E o ceu sonhado transformava-se em deserto...

Ante a posse, os desejos esmorecem;
De amor na amara pugna,
Fui como os doentes que tudo apetecem
E a que tudo repugna ...

EUGENIO DE CASTRO.

APPARIÇÃO

Pelas espadas que tu tens no peito,
Pelos teus olhos rôxos de chorar,
Pelo manto que trazes de astros feito,
Por esse modo tão lindo de andar;

Por essa graça e esse suave geito,
Pelo sorriso (que é de sol e luar)
Por te ouvir assim sobre o meu leito,
Por essa voz, baixinho: «Ha-de sarar...»

Por tantas bençãos que eu sinto n'alma,
Quando chegando vens, assim tão calma,
Pela cinta que trazes, côr dos ceus:

Adivinhei teu nome, Apparição!
Pois consultando manso o coração
Senti dizer em mim «A Mãe de Deus!»

ANTONIO NOBRE.

(Do livro *Despedidas*).

AS MINHAS CARTAS

V

Sendo o homem instruido deve ser educado, porque a instrucção esclarece o espirito.

Assim o pensa muita gente, mas tal nem sempre succede, pois não raro se encontram pessoas instruidas que, todavia, são mal educadas.

E' que instrucção e educação, se bem que muitas vezes confundidas, são, comtudo, coisas bem differentes.

A instrucção é um accumulado de conhecimentos; a educação é a maneira como os manifestamos.

Portanto, frequente é encontrar pessoas que, instruidas, revelam educação bem fraca. E' um grande mal, mas é assim.

Que pensarieis vós d'um homem instruido, que tratasse desdenhosamente os seus inferiores, fallando-lhes sempre com sobranceria e desprezo? Que não tinha educação, que não sabia o que era fraternidade. Pois haverá lei alguma que auctorise a tratar um inferior com desdem, porque é inferior? Decerto, não ha.

Mesmo, se alguma coisa differenceia os homens, não é por certo, a sua instrucção, nem a sua riqueza, nem um alto cargo; sómente os differenceia o modo como se utilisam d'essas circumstancias e se desempenham perante a sociedade.

A Natureza fê-los similhantes; a tragedia do Calvario tornou-os egualitarios; a Revolução Franceza proclamou para todos os mesmos direitos.

Porque um homem não possa competir com outro em sciencia, ou em riqueza, ou, ainda no exercicio de quaesquer funcções deve o superior despreza-lo? Não; que se o inferior o não eguala ou excede mesmo, em qualquer sentido, é porque não empregou, ou não poude empregar a mesma somma de esforços para um mesmo fim, ou as circumstancias lhe foram menos favoraveis.

Desprezar um similhante por que se é, suppõe-se, mais do que elle, é não sentir o amor fraterno, que é bello, é fomentar o odio entre os homens.

E' tornar os nossos conhecimentos improficuos, nullos, desprezando a egualdade, a sublime doutrina do Evangelho.

A instrucção, alliada a uma boa educação moral, de que tanto actualmente se descura, cria o prototypo social, que é um laço d'amor a approximar os homens e uma poderosa alavanca para a regeneração d'um povo.

Paulo Stacio.

NOTICIARIO

Festa de S. Sebastião — Como prenoticiamos, realisou-se aqui, no domingo, a festa em louvor do martyr S. Sebastião. No sabbado, que saibamos, nada se passou digno de registo; em compensação, no domingo, ainda não tinham soado as 4 da manhã, já uma «zabumbada» nos dava cabo dos ouvidos e dos nervos, por especial deferencia dos srs. mordomos a quem enviamos o nosso... protesto.

Pelo dia adeante, correram as coisas como nos annos anteriores.

Devemos apenas fazer referencia especial ao sermão do sr. Padre Cruz que, segundo nos informam, agradou muito.

A' noite, o arraial — o melhor da festa para nós — é que não correspondeu á espectativa. Varios motivos concorreram para isso: haver apenas uma musica e mesmo esta ter de tocar, retirada do local da festa, num sitio descampado, em noite de rija ventania.

Manda a verdade dizer que a culpa da decepção que os forasteiros soffreram não cabe toda aos mordomos.

Feita justiça, como é nosso costume, fiquemos com a esperança de que em annos futuros se remediarão alguns dos inconvenientes agora notados. Ou a experiencia não fosse a mestra da vida...

Estação-postal — D'um nosso presado assignante, natural de S. João de Loure, mas residente em Coimbra, recebemos a seguinte carta:

... *sr. redactor*

Foi com profunda satisfação que li no seu jornal a noticia de ter sido creada na minha terra uma estação-postal. As vantagens deste melhoramento são importantissimas, não resistindo eu a vir publicamente testemunhar o meu mais vivo reconhecimento a quem para elle concorreu.

Coimbra, 8-4-910.

De v. etc.

Joaquim de Vasconcellos.

Grupo dramatico--Repetiu-se, hontem, no theatro d'esta villa, o drama em tres actos *A Batalha do Bussaco*. Em seguida, subiu á scena a chistosa comedia *Casar por annuncio*, cantando ainda o sr. José Ayres Fernandes uma engraçada cançonêta.

*

Do nosso presado amigo e conterraneo sr. Manuel Rodrigues Fernandes Junior recebemos a seguinte carta:

... *Sr. Redactor:*

Em face da declaração do sr. Amadeu José dos Santos, inserta no ultimo numero do seu jornal, cumpre-me fazer publico, como presidente do *grupo dramatico eixense*, que não houve nenhuma intenção reservada, ao designar com o nome de Santos o interprete do personagem Frei Raphael do drama *Batalha do Bussaco*.

A palavra Santos, incluida no prospecto com que se annunciou o espectaculo, é apenas um pseudonymo que o referido interprete, no uso d'um direito, quiz adoptar.

Eixo, 7-4-910

De V., etc.,

Manuel Rodrigues Fernandes Junior.

Baptisado — Na egreja d'esta freguezia baptisou-se, ultimamente, uma filhinha do sr. Manuel Dias de Pinho, do visinho logar da Horta, a qual recebeu o nome de Rosa.

Bandeira—Publicamos em seguida os nomes dos nossos conterraneos que concorreram para a subscripção destinada a comprar um estandarte para a escola do sexo masculino d'esta villa:

Eduardo d'Oliveira Barbosa, 1:000 reis; José Fernandes de Jesus, 1:000 reis; Major David Rocha, 1:000 reis; Manuel Marques Janvelho, 500 reis; José Fernandes Mascarenhas, 1:000 reis; Filippe Gonçalves Ribeiro, 200 reis; Manuel Marques Simões, 200 reis; Jeronymo Fernandes Mascarenhas, 1:000 reis; João Rodrigues Fernandes, 400 reis; Innocencio Coelho de Magalhães, 500 reis; Filippe Dias de Carvalho, 500 reis; D. Margarida Pereira Santa Rosa, 500 reis; Dr. Eduardo de Moura, 1:000 reis; Dr. Jayme de Magalhães Lima, 1:000 reis; João Maria Luiz Ferreira, 700 reis; Aristides Dias de Figueiredo, 500 reis; D. Leopoldina da Conceição Fernandes, 500 reis; João Nunes de Carvalho e Silva Junior, 500 reis; D. Maria Lucia dos Reis e Lima e irmãs, 700 reis; Venancio Dias d'Almeida, 200 reis; Dr. Orlando de Mello do Rego, 1:000 reis; Manuel Rodrigues Fernandes Junior, 500 reis; Avelino Dias de Figueiredo, 1:000 reis; João Gaspar Affonso, 400 reis; João Martins de Pinho, 500 reis; Sebastião Rodrigues de Figueiredo, 1:000 reis; Padre Manuel da Cruz, 500 reis; D. Ismenia Rego, 1:000 reis; Antonio Simões da Silva, 500 reis; José Antonio de Carvalho, 500 reis; Sebastião Pereira de Figueiredo, 500 reis; Alexandre Fernandes, 1:000 reis; Cyrillo Dias Larangeira, 1:000 reis; José Antonio de Carvalho Junior, 1:500 reis; Elio Rego, 1:000 reis; Fernando Rego, 1:000 reis; João Nunes Fernandes, 5:000 reis; José Ferreira de Magalhães, 1:000 reis; Dr. Alfredo Coelho de Magalhães, 1:000 reis; João Pereira Saldanha, 500 reis; Padre Joaquim da Silva Netto, 400 reis; Ildefonso Soares de Lemos, 300 reis; Abel Joaquim Marques, 1:000 reis; Antonio do Carmo de Magalhães, 1:000 reis; Conselheiro Manuel Alvaro dos Reis e Lima, 3:000 reis; José Rodrigues, 100 reis; Manuel da Rosa Liborio, 200 reis; D. Rita Marques da Conceição, 240 reis; Abel dos Santos, 200 reis; Jayme Gonçalves Marques, 200 reis; Abel Pedro Ferreira da Silva, 200 reis; Manuel Saldanha & Irmão, 2:000; José Rodrigues Larangeira, 500 reis. Total—42$640 reis.

*

Em nome da commissão pedimos aos nossos presados conterraneos, que receberam circulares e ainda não responderam, o favor de o fazerem o mais depressa possivel.

Desde já, muitos agradecimentos.

Transcripção—O nosso presado collega *Successos* transcreveu parte do artigo *As minhas cartas* (IV) do nosso collaborador *Paulo Stacio*. Por elle e por nós, muitos agradecimentos.

Festa infantil—No ultimo domingo, realisou-se no Asylo-Escola D. Amelia, do Porto, de que é director o nosso illustre amigo sr. J. da Cunha Leal Pecegueiro, um sarau dramatico-musical.

A *Palavra*, noticiando esta bella festa que deixou as melhores impressões em todos os assistentes, escreve:

O salão estava bellamente ornamentado com desenhos pelo tão distincto como modesto professor do Asylo Escola e do Lyceu D. Manuel II, sr. Angelo Vidal, que assim revelou, mais uma vez o seu apurado bom gosto artistico.

Começou depois o sarau dramatico-musical pela representação da «Comedia Microscopica», de que tambem era auctor o sr. Angelo Vidal, a qual interessou muito pelo seu imprevisto. Seguiu-se-lhe a comedia original «Processo artistico de arranjar dinheiro», que teve algumas scenas apreciaveis e que foi bellamente desempenhada pelos internados. Depois, o «bijou» da festa «A flor das creadas» que foi um primor de execução e despertou franca gargalhada, bella e feliz a laptação feita pelo auctor da «Revista do Asylo» que foi o «clou» do sarau, não só pela constante hilaridade em que teve os espectadores, mas tambem pela «charge» que havia em muitos numeros. Entre estes é de justiça especialisar: no primeiro acto, as scenas da «Declaração», que foi bisada e muito applaudida e do «Cometa», espirituosamente commentada por um Zé Povinho endiabrado a mais não; no segundo acto as scenas do «Pagode na aula» e «Sessão d'animatographo» em estancias chistosas, referentes a cada um dos empregados; no terceiro acto, a scena do «Freguez gago», que foi tambem muito applaudida.

Esta revista, original do distincto poeta Padre Agostinho da Costa e Silva, embora revelasse ainda um pouco de imprecisão no processo theatral, era comtudo bem urdida, com scenas admiravelmente aproveitadas e semeada de lindas coplas, que honram sobremaneira o talento poetico do seu auctor.

. . . . . .

No final do terceiro acto da «Revista» foi apresentado no palco o retrato do vereador sr. Anthero d'Araujo, executado a carvão pelo intelligente professor sr. Angelo Vidal, surpreza que os empregados fizeram a sua ex.ª e que elle agradeceu commovido e penhorado.

Antes, o illustrado director do Asylo, sr. Pecegueiro, fizera uma pequena allocução, descrevendo a origem do Asylo-Escola, as phases por que passou desde a sua fundação e enaltecendo os serviços prestados áquelle estabelecimento de caridade por diversos benemeritos.

Por fim, procedeu-se á distribuição de premios, sendo contemplados 30 internados com medalhas e fivelas de oiro, prata e cobre, que o sr. vereador collocou no peito dos rapazes.

Travessia do Tejo—O athleta sr. Joaquim d'Azevedo está disposto a atravessar o Tejo preso pelos dentes e deslisando num cabo d'aço, trabalho que o mesmo artista já executou entre Brooklim e Nova-York.

Uma commissão do Sport-Club já sollicitou do sr. governador civil a necessaria auctorisação.

Alfredo de Carvalho—Falleceu, repentinamente, em Lisboa, o illustre actor Alfredo de Carvalho, que era um comico de muito valor, dizendo com graça inexcedivel.

Pelo estrangeiro—O balão «Pommern», que partiu esta manhã de Stettin, cahiu á 1 hora e um quarto no mar Baltico.

Na barquinha achavam-se quatro pessoas uma das quaes era o deputado do Reichstag sr. Delbruch.

Até agora só se conseguiu salvar duas tendo uma destas um pé fracturado e a outra um grave ferimento na cabeça. Procuram-se as outras duas.

—Annunciam do Mexico aos jornaes de Londres que em Zacatecas se levantou grande panico por occasião d'uma tourada, ficando mortos 12 espectadores e feridos 17.

—Rebentou um incendio a bordo do paquete «Cairnrona» que partira de Londres para os Estados-Unidos com 900 emigrantes.

A explosão da caldeira destruiu a secção dos beliches das mulheres, muitas das quaes, arremessadas ao ar, foram feridas gravemente, morrendo uma creancinha. Ficaram feridos 9 machinistas e fogueiros.

Varios navios de Dover, enviados logo em soccorro, vêm trazendo os emigrantes. O salvamento é muito difficil por causa do panico que se apossou d'estes.

A tripulação do «Cairnrona» portou-se heroicamente.

Falta de espaço—Por este motivo não podemos publicar neste numero alguns originaes, entre elles uma correspondencia do nosso presado assignante sr. Joaquim de Vasconcellos.

Instrucção Primaria—O conselho superior de instrucção publica, na sua ultima sessão, approvou o parecer favoravel á abertura do concurso para provimento da escola mixta de S. Pedro de Aradas (Aveiro).

—Foi posto a concurso o logar de ajudante da escola do sexo feminino de Cacia (Aveiro).

NOTICIAS PESSOAES

Partidas e chegadas

Seguiram para o Rio de Janeiro (Brazil) os nossos presados conterraneos srs. Jethro Ferreira da Costa e Felippe Fernandes Trindade a quem desejamos boa viagem e as maiores felicidades.

—Com a sua ex.ma esposa partiu para Lisboa o nosso presado amigo e conterraneo sr. José Antonio de Carvalho Junior.

—Com a sua ex.ma esposa retirou, para Coimbra, o nosso amigo sr. dr. Antonio Ernesto Lucas, distincto alumno da Universidade.

—Partiu para Lisboa, onde frequenta com muita distincção o 2.º anno do Real Collegio Militar, o menino José Affreixo, natural d'esta villa e dilecto filho do sr. capitão-tenente sr. Jayme Affreixo

—Retiraram: para Coimbra, os srs. dr. Diniz Severo Correia de Carvalho, que frequenta o 5.º anno da Faculdade de Medicina, João de Pinho Brandão, alumno do 2.º anno theologico no seminario, e Manuel Luiz Ferreira de Abreu e Manuel Gonçalves Marques, estudantes no Collegio Mondego; e para Aveiro, os alumnos do lyceu srs Edmundo Coelho de Magalhães, Sebastião de Carvalho, Evaristo Fernandes Mascarenhas e Manuel Dias de Carvalho, todos d'esta villa.

—Retirou para Aveiro, onde frequenta o 2.º anno da Escola districtal, a menina Gloria Marques Vieira.

Fica d'este modo, rectificada a noticia que a seu respeito demos no ultimo n.º.

Anniversarios

Completou 20 annos, no dia 5 do corrente, o nosso amigo sr. João de Pinho Brandão, estudante do 2.º anno theologico no seminario de Coimbra.

Muitos parabens.

Estadas

Esteve aqui, na quinta-feira, o sr. Albano Pinheiro, digno escrivão notario em Aveiro.

Doentes

Passa incommodada a sr.ª D. Cacilda Dias, dedicada esposa do nosso presado amigo sr. Aristides de Figueiredo.

Fazemos votos pelas melhoras de s. ex.ª.

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Troviscal, 7

Não ha duvida que o prometter é quasi sempre incomparavelmente mais facil do que o cumprir, trazendo de ordinario a satisfação d'uma promessa, embora só a nós feita, junto a si um certo numero de amargos de boca.

Um compromisso toma-se com relativa facilidade: basta uma simples palavra—sim—e prompto. Mas depois é que são ellas, as mais das vezes!... Não ha difficuldades e embaraços que não nos appareçam, collocando uma pessoa em maus lençoes, muita vez.

E quem não quer que o tomem por pouco serio ou pouco deligente, chega ás vezes a ver-se da cor da abelha. Esta é que é a verdade, muito embora nisto não acreditem aquelles que nunca se viram em taes assados, sem saberem que voltas hão-de dar á cabeceira E' que não ha para a gente se certificar, convencendo se, do que passar pelas coisas. E quantas vezes se gasta innumero tempo á procura duma airosa saida e por fim nada?!

Ora foi justamente a esta má situação moral que eu por triz um não fiquei captivo. Queria rabiscar a correspondencia para o *Correio do Vouga*. Mas noticias? Nem uma para amostra, sequer. Já tinha mesmo posto de lado a ideia de a mandar, esta semana. Não era das melhores coisas, lá isso é verdade; mas onde não ha—el-rei perde, como dizem os meus vizinhos.

Mas inesperadamente—a gente nunca deve perder a esperança!—chega ao meu conhecimento uma correspondencia de Oyã, publicada no ultimo numero dos *Echos do Vouga* a que eu achei tanta *graça* e *interesse* que não resisto ao desejo de para aqui transcrever parte d'ella, com a devida venia, já se vê, e deste modo ali o meu vizinho—unico leitor que eu tenho, se me não engano—não ficará de todo zangado commigo até vêr.

Eis o trechozinho promettido:

....

«O rev. prior de Oyã tem sido muito obsequiado com folares no ramo de Oyã, e no ramo da Gesta vae a cousa correndo muito bem; porque, apesar da Gesta ser um logar pequeno, este anno excederam-se de tal forma, que de lá vieram tres pessoas carregadas!

Bem bem! E muito obrigado

Queremos ver como se portam os do Rego e Perrães Certamente não hão-de desmerecer das bellas tradições antigas, que muito os honram. Consta que o Manuel Loureiro dá um grande Pão de Ló de Margaride ou quatro perus; e o sr José P. Alves uma duzia de patos gansos

Se assim for, nada ha mais certo, e muito agradeceremos.

Acabam agora mesmo de nos dizer que o Manuel Loureiro dá o pão e a snr.ª Carolina Loureiro as gallinhas, porque roubaram os perus.

Muito boas festas.

Alleluia! Alleluia.»

Ora aqui está, a meu vêr, um grave inconveniente da falta de instrucção, que muita gente criminosamente condemna e persegue. Sim, sr. prior, porque, se os seus parochianos fossem instruidos, leriam os jornaes e facilmente attingiriam o seu pensamento. Mas assim, não.

Só de alforge...—Gil.

Alquerubim, 6

Ha dias que faz um frio intensissimo, mais rigoroso que em janeiro, chegando o termometro a marcar apenas 2 graus acima de zero. Os pampanos das videiras que já iam rebentando, estão amarellos com este rigoroso frio.

Trata-se com todo o afan das sementeiras dos milhos nos altos.

—Em virtude de não comparecerem concorrentes ás differentes arrematações de materiaes que se tem feito para as diversas estradas, foram estas mandadas reparar por administração, mas agora é muito difficil arranjar operarios e carreiros. Vem a ordem muito tarde.—C.

S. João de Loure, 7

De visita ao sr. Pelagio Dias d'Andrade, seguiram no dia 4 para Canellas os nossos amigos e conterraneos srs. Clemente Rodrigues Simões, Antonio Rodrigues Simões, José Rodrigues Correia de Mello e Manuel Simões Serralheiro.

—Tem estado aqui, de visita á sua familia, o nosso presado amigo sr. Manuel Simões Serralheiro, conceituado commerciante em Thomar.

—Vindas de Lisboa, onde estiveram algumas semanas de visita á sua familia, regressaram aqui as sr.as Anna e Maria Rodrigues de Mello.

—A musica «velha» d'aqui foi tocar, nos dias 2 e 3, a Aguada de Cima, onde sustentou rijo despique com a de Oliveira de Bairro, agradando muitissimo aos mordomos e ao povo.

Por este motivo, e em signal de regosijo, os nossos amigos srs. José Rodrigues Correia de Mello e Clemente Rodrigues Simões resolveram offerecer aos briosos rapazes que fazem parte da brilhante philarmonica um copo d'agua que deve ter logar na proxima quinta-feira.—C.

Idem, 6

(PARTICULAR)

Ha dias, quando a sr.ª Rosa Dias, do logar de Frossos, andava a atar videiras, saltou-lhe a um dos olhos o canivete com que cortava os vimes.

Levada a Cacia, a casa do illustre clinico, sr. Dr. Marques da Costa, este aconselhou-a a ir immediatamente ao Porto, consultar o distincto especialista sr. Dr. Correia de Barros.

—Retirou para Thomar o nosso amigo sr. Manuel Simões Serralheiro, que esteve aqui de visita aos seus paes e ao seu sogro.

Acompanharam-no até a estação os srs. José Marques dos Santos, Clemente Rodrigues Simões e José Rodrigues Correia de Mello.

—De visita aos nossos amigos João, Joaquim e José Rodrigues Correia de Mello (Melicias) estiveram aqui os srs. José Pereira, João Ferreira das Neves e Antonio de Serpa Carvalho, de S. Bernardo.

Estes nossos amigos, que nunca tinham visitado S. João de Loure, ficaram encantados com a linda paysagem da nossa terra, apreciando muito o esplendido panorama que se disfructa do «Cabeço de S. Silvestre», e o bello passeio á ponte sobre o Vouga.

—Acaba de chegar das Almas da Ariosa a musica «Velha» d'aqui. Tocou com a de Oliveira do Bairro, merecendo muitos elogios pela primorosa execução e escrupulosa escolha do reportorio.

O nosso amigo José Tavares de Lima, de Barrô, que foi ouvi-la, ficou tão bem impressionado que logo a convidou para uma festividade.

Muitos parabens aos briosos rapazes da sympathica phylarmonica e ao seu digno regente, sr. João Marques de Lemos.

—A' hora em que escrevo, chove torrencialmente.—*Um assignante*

LISTA DOS SUBSCRIPTORES

Subscripção aberta a favor dos alumnos necessitados das duas escolas officiaes d'esta villa e dos nossos conterraneos extremamente pobres e impossibilitados, por falta de saude, de ganharem os meios de subsistencia.

Transporte . . .	*166$050*
José Rodrigues Laranjeira .	*500*
Somma	*166$550*

Todos os nossos conterraneos, que queiram subscrever, podem dirigir-se á Ex.ma Senhora D. Maria Lucia dos Reis e Lima e aos snrs. Dr. Eduardo de Moura, Antonio Simões da Silva e Avelino Dias de Figueiredo, em Eixo; Manoel Dias Saldanha, em Lisbôa, Rua Augusta, n.º 100-1.º; e Dr. Alfredo de Magalhães, no Porto, rua de S. Miguel, n.º 36.

JOSÉ MARIA RODRIGUES, d'Eixo, encarrega-se de funeraes, fornecendo caixões com a maxima promptidão, para todos os preços e para todos os gostos, e côres de flôres artificiaes, além de muitos outros artigos funerarios.

PORTUGAL NA CRUZ

Versos de BERNARDO PASSOS

Edição da *Livraria Central* de Gomes de Carvalho—158 Rua da Prata, 160, LISBOA

ABC Illustrado

POR

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

O SONHO

(CONCLUSÃO)

E continuavam sempre, fugindo, fugindo, na noite escura.

Pouco a pouco iam sahindo da escuridão.

Avistaram então, banhada n'uma claridade rosa e ouro, uma cidade enorme com altos minaretes, largos terraços, e grandes zimborios, terminando em flechas agudaa encimadas pelo crescente.

Passaram além e pararam junto d'um palacio de porphyro, com as altas portas em ogiva chapeadas d'agata, no meio d'um verdejante palmar.

A porta abrira-se como por encanto. Os dois seguiam atravez dos aposentos sem fim, ornados de riquezas preciosas. Na sua passagem, os eunuchos, com a face de bistre e turbantes de côres flamejantes, curvavam se reverentes. Pararam por ultimo na frente d'um portado de marmore rosa cravejado d'esmeraldas enormes. A porta abriu se de par em par

Entraram.

Era um recinto em oval suave, a luz cahia de cima atravez de crystal purissimo, attenuada por seda côr de rosa. Ao centro uma espaçosa taça de jaspe cheia d'agua crystalina, que espadanava em jorros das fauces d'um Tritão. Fetos gigantescos, de folhagem finamente rendilhada, plantas tropicaes com fórmas caprichosas e flores phantasticas, espreitando entre as folhas exquisitas, contornavam a taça, espalhando no ambiente perfumes estonteantes. Sustentavam a alta cúpula de crystal, n'onde vinha a luz, feixes contorcidos de columnas delgadissimas. O pavimento era de difficil mosaico, e as paredes com arabescos custosos, de esmaltes muito vivos.

Em roda, deitadas languidamente sobre divans riquissimos, distinguiam-se mulheres semi-nuas, d'extraordinaria formosura. Assim que elles entraram, levantaram se preguiçosas e vieram ao seu encontro.

Elle olhava-as estupefacto, os olhos muito abertos, radiante, extactico.

Eram soberbamente bellas; e, deslumbrado pelos mil encantos, que d'ellas vinham, fascinado pelo sorriso languido e olhar inebriante, com que todas o miravam, anciosas por uma palavra, um sorriso seu, parava hesitante, perplexo.

No meio do grupo tão extraordinariamente bello elle viu então, com um olhar ardente, supplicante d'amor, fito no seu, os labios humidos, sensuaes, entre-abertos n'um sorriso d'amor, os cabellos negros espalhados em desordem pelo corpo semi nu os seios de neve, turgidos, contornando se em curvas suaves por baixo das roupagens transparentes, viu emfim, de formosura peregrina, a sua lindissima visinha, que lhe abria os braços suspirando, anhelante d'amor!

Embriagado, allucinado pela celestial visão, ante aquella formosura divina todas as outras bellezas, que o cercavam, empallideceram, como desmaiam as estrellas ante os raios deslumbrantes do sol doirado.

De braços abertos correu para ella, sentia se estreitado contra os seios rijos, o contacto doce de todo o seu corpo flexivel, fazia-o gosar sensação tão inebriante que elle ia desmaiando nos braços assetinados do seu estremecido amor.

Partiram juntos para mansão celestial, toda d'oiro e luz; e, ali, emfim sós, os seus labios uniram-se n'uma suprema delicia!

* * *

Alguem lhe tocava no hombro, voltou-se, era o Thomaz.

A lampada d'alabastro espargia um clarão velado, muito mortiço. O Thomaz entre-abriu as portas da janella. Uma restea de luz pallida, doentia, entrava no quarto.

—São onze horas, meu senhor. Eu já cá vim duas vezes, mas o menino dormia tão profundamente que tive dó de o accordar; demais o dia esté tão enfarruscado... parece-me que vem chuva.

Levantava se ajudado pelo creado. E, melancolicamente, contemplava de novo a sua misera nudez, que lhe causava horror.

... .

Pouco tempo depois adoeceu. O medico não acertava com a doença, que o ia minando dia a dia.

Uma vez pedin ao Thomaz que lhe fizesse mudar o leito para junto da janella.

Então, d'ahi, d'esse leito, febril, onde o matava lentamente uma tortura sem nome, atravez das persianas verdes da janella, elle contemplava tristemente a lindissima visinha, que, por entre as rosas da varanda, sorria ao filho do burguez, empertigado na sella, de monóculo impertinente, caracolando em baixo, bem posto e garboso, no seu cavallo negro, como a aza do corvo.

Affonso Botelho.

Bibliotheca Humoristica

A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (V. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

50 rs.--32 paginas--50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfastiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.º volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeração seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exaggeros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas satanicas», com as quaes V. Lhac castigará todos os typos que representam a tyrannia, a explora: ção, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas «A Moral» e a «Litteratura»; de, pois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR..., como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisal-a o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

A venda em todas as livrarias

LIVRARIA CENTRAL
DE
GOMES DE ARVALHO, Editor

158, Rua da Prata, 160—LISBOA

MALVERT

SCIENCIA E RELIGIÃO

Traduzida da 3.ª edição franceza por

HELIODORO SALGADO

Esta obra é um ensaio de vulgarisação, em fórma clara e attrahente, dos dados positivos fornecidos pela sciencia moderna sobre a genése e cohesão das religiões especialmente da chistã, projectando uma lua nova sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual fôr a sua opinião e a sua creança, poderá ficar indifferente.

1 volume com 156 gravuvas

Preço 500 réis

LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

MANUSCRIPTO

— DAS —

ESCOLAS PRIMARIAS

(Illustrado)

por Angelo Vidal

Cuidadosamente organisado, contendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 reis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.ª e 5.ª classes, por Angelo Vidal.

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Deposito de Material Escolar

Modelos aperfeiçoados de: Carteiras, Caixas metricas, Contadores etc.

Espheras terrestres e armillares.

Museu escolar e Mappas Geographicos.

Preços muitos reduzidos

Para festas das creanças

Puerilidades

por ***Angelo Vidal***

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis Encadernado 350

GRAMMATICA ELEMENTAR
DA
LINGUA PORTUGUEZA
PARA
USO DOS ALUMNOS
D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA

Elaborada segundo os actuaes programmas

POR

ALBANO DE SOUZA

3. EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino, tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Teem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 réis

PROGRAMMAS D'INSTRUCÇAO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de nstrucção primaria. **BROCHADO 60 REIS.**

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.ª 2.ª e 3.ª classes de Instruccão Primaria, por A M. F.

3.ª edição. . . 100 reis

Manuscripto das Escolas Primarias

POR

Angelo Vidal

Edição da *Livraria Fernandes*

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O *Manuscrpto das Escolas Prmarias*—contem exercicios graduados e variadissimos de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes acommodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se póde dizer, como alguem disse do mallogrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias — precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte.

Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da *Vitalidade* de 17 d'outubro, 1908).

A FAMILIA MALDONADO

POR

VIEIRA DA COSTA

E

OS TRISTES

POR

FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho--- Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.

A B C

ILLUSTRADO

POR

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

2.ª edição—Brochado 60—Cart. 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos.

A acceitação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo: — Collecção de 12 quadros em papel, 306 reis. Collecção de 12 quadros collados em cartão, 2$300 reis.

LÉON TOLSTOI

A Clero. A destruição do inferno e a sua restauração. Traduzido por Mayer Garção. 1 vol. 200.

O que é a religião? Traducção de Heliodoro Salgado. 1 vol. 200

Pão para a bocca. Origem do mal. Traducção de Affonso Gayo. 1 vol. 100.

Razão, fé, oração. Tr es cartas traduzidas por Marianna Carvalhaes. 1 vol. 100.

(O Bom senso do) A Razão dum Padre. Traducção de M., com uma noticia de França Borges. 1 vol., 500.

Atravez das edades. Poemete offerecido ás piedosas reflexões do sr. Arcebispo de Evora, por Heliodoro Salgado. 1 vol., 200.

O Seculo e o Clero, por João Bonança 2.ª edição. 1 vol., 300

A mentira religiosa, por Max Nordau. Traducção de Affonso Gayo. 1 vol., 100

PORTO

TYP. DE A. F. VASCONCELLOS, SUC.

51, Rua de Sá Noronha, 59

Esta officina encontra-se em condições de executar todos os trabalhos typographicos

MAPPAS, OBAS DE LIVRO, BILHETES DE VISITA E DE ESTABELECIMENTO, THESES, FACTURAS, ROTULOS DE PHARMACIA, JORNAES, ETC.

Officina de encadernação Carimbos de borracha

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administração:
R. de S. Miguel, 36--PORTO

ASSIGNATURA
(Pagamento adiantado)

Portugal—anno	1$200
« —semestre	600
Africa —anno	1$500
Brazil —anno—(moeda forte) .	2$200

PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha. . 10 reis
Communicados, cada linha. . 20 »

Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

3.º ANNO—N.º 16

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administração—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Exm.º Snr.